

2.2- Os dados focalizados

Nesta seção, vou proceder à apresentação e análise dos dados que constituem o objeto de estudo deste texto. Conforme mencionado anteriormente, os pares de frases que seguem integraram os testes que foram submetidos à apreciação dos informantes. Apenas as orações de (4), (5) e (6) constituem exemplos avulsos, testados em etapa posterior, com o intuito de verificar se as interpretações atribuídas a (3) se confirmavam. Já as sentenças de (7) e (8) são dados fornecidos pelos próprios entrevistados, a título de ilustração de seu ponto de vista.

Como tive ocasião de esclarecer, nas orações de (a) os complementos ligam-se diretamente ao verbo, enquanto em (b) vêm introduzidos pela preposição. Atente-se, pois, para as seguintes orações:

(1) (a) Maria pisou a grama.

(b) Maria pisou na grama.

O exemplo acima é interessante na medida em que, dos 55 testes analisados, apenas 5 informantes não aceitaram (1) (a), achando-a uma frase estranha, enquanto 2 outros consideraram que ambas as sentenças comportam a mesma interpretação. Os restantes 48 entrevistados apresentaram uma uniformidade de julgamento muito grande no que concerne às diferenças semânticas entre as duas orações. Abaixo cito algumas de suas considerações, a título de ilustração:

"Em (a), dá a impressão de que Maria pegou um pouco de grama e pisoteou. Já em (b), a interpretação é que Maria caminhou sobre a grama, normalmente."

"A preposição muda o sentido. Na primeira oração tem-se a impressão de que Maria está 'massacrando' a grama com os pés e, na segunda, imaginamos que Maria apenas colocou os pés na grama."

"No primeiro exemplo parece que 'a grama' é o ser mais importante, é como se fosse de grande importância que aquela grama específica não fosse pisada, e Maria o fez. O segundo exemplo não dá esse realce à grama."

"Em (a) 'a grama' é mais personalizada, sufre mais"

"Na letra (a) há a idéia de 'socar' - a grama é um verdadeiro 'paciente'. Já em (b) a idéia é de 'andar pela grama'."

"No exemplo da letra (a), 'pisar' tem o sentido de 'machucar', dá a sensação de pisou com força, com vontade; no exemplo da letra (b), dá-se a idéia de que Maria pisou muito superficialmente."

"Em (a), há a idéia de amassar a grama e, em (b), a grama é apenas um lugar."

"Em (a), Maria amassou a grama com raiva, de propósito e a deixou amassada, pisada. Em (b), Maria apenas pisou na grama sem causar-lhe maiores danos."

"(a) parece-me mais volitivo que 'pisar em'."

"Em (a), Maria pisou intencionalmente, deliberadamente, na grama (talvez para estragá-la).

Em (b), ela não o fez intencionalmente."

"Pisar a grama parece que engloba todo um gramado. Pisar na grama dá idéia de determinado local do gramado."

"A preposição 'na' (em+a) ênfatiza mais a ação de 'pisar' (pisar em algo)."

Dos comentários acima conclui-se que não somente os falantes aceitam as duas sentenças focalizadas, mas também captam diferenças semânticas nítidas conforme o verbo "pisar" venha, ou não, acompanhado de posvérbio. Potanto, por um lado, não cabe aqui insistir apenas na regência de (a), em detrimento de (b), conforme o fazem alguns autores, como os referidos mais acima. Por outro lado, também deve-se observar que o usuário da língua, tendo à sua disposição meios de expressão diferentes, poderá optar por uma ou outra construção dependendo da sua intenção comunicativa, dos efeitos de sentido que desejar produzir.

Com relação a esse fato, verifica-se que a oração (a), para quase a totalidade dos informantes, realça o caráter de paciente do complemento verbal, sendo que muitos entrevistados destacaram, ainda, a interpretação de "a grama" como um ser específico, bem individuado e inteiramente atingido pela ação de pisar, de tal modo que chegaram mesmo a fazer referência à mudança de estado/condição de "a grama" após o ato executado. Foi sugerida, dentre outras, a aceção de "csmagar com os pés" para o verbo "pisar" em (a). Além disso, também foi realçado o caráter de agente típico do sujeito desta oração, marcado positivamente para os traços de volição / intencionalidade.

Já com referência à frase (b), pode-se considerá-la mais neutra quanto ao resultado da ação, quanto à mudança efetuada no objeto, o qual não é percebido como paciente mas como locativo. Não há a sugestão de "estragar a grama com os pés", mas simplesmente a aceção de "caminhar sobre um terreno gramado".

É interessante, ainda, destacar a diferença captada pela maioria dos entrevistados de que, em (b), sugere-se que apenas parte da extensão do terreno teria sido percorrida pelo sujeito da oração.

A propósito desse último, os falantes também não se manifestaram quanto à possibilidade de uma "leitura" com os traços [+ volitivo] / [+ intencional] para ele, o que nos leva à conclusão de que essa interpretação é menos evidente (ou menos relevante) neste caso.

Convém destacar, finalmente, a oposição apresentada por diversos entrevistados, segundo a qual, em (a), "a grama" é o alvo da ação, sendo que o interesse do falante se volta para esse alvo. Já em (b), o centro de atenção se torna a ação em si.

Adiantando, de certo modo, uma das conclusões a ser apresentada mais à frente, essa interpretação coaduna-se com a idéia de um caráter menos transitivo da frase em questão, uma vez que o elemento focalizado em primeiro plano passa a ser o verbo, sendo que seus argumentos, principalmente o segundo ("rebaixado" a locativo), ficam mais obscurecidos, num segundo plano.

A seguir, em (2), apresenta-se um outro exemplo com o mesmo verbo "pisar" em contextos semelhantes ao de (1). O objetivo da inserção desse caso, no teste proposto, foi "checar" a extensão das observações apresentadas com relação a (1). Observem-se estas frases:

(2) (a) Pisei o pé de Maria.

(b) Pisei no pé de Maria.

Também aqui os informantes fizeram um contraste entre "ação voluntária" e objeto "paciente", em (a), e "ação involuntária" e complemento "locativo", em (b). Houve quem insistisse mesmo em que, em (a), pode-se parafrasear a oração com: *"sapatêei em cima do pé dela."* Outros, ainda, afirmaram que *"o pé todo foi atingido em (a)"*, enquanto, em (b), *"o pé é percebido como 'um lugar' apenas"*.

Logo, os dados de (2) confirmam as intuições captadas com referência a (1). É interessante notar-se, também, que a favor dessas "leituras" explicitadas pelos informantes pode-se mencionar o fato de que as re-

tomadas anafóricas dos complementos do verbo são diferentes em (a) e (b). As frases de (a) admitem um tipo de retomada pronominal que se caracteriza, segundo Perini (1989, p.101), como um dos traços do objeto direto típico. Vejam-se:

(1) (a) O que Maria pisou?
Maria pisou a grama.

(2) (a) O que pisei?
Pisei o pé de Maria.

Já os exemplos de (b) admitem retomadas que reforçam seu caráter de locativo:

(1) (b) Onde Maria pisou?
Maria pisou na grama.

(2) (b) Onde pisei?
Pisei no pé de Maria.

A seguir, atente-se para os exemplo de (3):

(3) (a) O tiro acertou o alvo.
(b) O tiro acertou no alvo.

Com referência a essas frases, apresentou-se uma situação diferente daquela de (1) e (2): em primeiro lugar, 14 dos informantes não captaram qualquer mudança na interpretação semântica das orações em foco; por outro lado, houve uma distribuição curiosa entre os julgamentos daqueles que assinalaram acepções diversas para essas sentenças. Ou seja: 29 dos entrevistados atribuíram a (a) um tipo de "leitura" que corresponde exatamente àquela atribuída a (b) pelos outros 12.

Desse modo, para 29 dos entrevistados, (a) difere de (b) na medida em que se assina a exatidão do tiro, o qual alcançou a "mosca", "o alvo desejado". Já em (b), para esses mesmos falantes, sugere-se menos precisão quanto à localização do tiro, que pode ter-se situado apenas nas imediações da "mosca".

Dentre esses informantes, alguns chegaram mesmo a realçar uma oposição entre objetivo alcançado em (a) e lugar atingido em (b). Observem-se as seguintes citações:

"Em (a), o alvo inteiro foi acertado; em (b) o tiro acertou alguma parte do alvo."

"Na frase (a), o tiro acertou o objeto chamado alvo; ou então significa que acertou o objetivo. Já em (b), o tiro acertou um lugar do objeto chamado alvo."

"Na primeira frase o tiro acertou o lugar almejado, o ponto determinado. Na segunda o tiro pode ter acertado em qualquer parte do alvo." (É interessante notar que esse informante apresentou os desenhos (a) e (b) que correspondem, respectivamente, às frases em pauta (3) (a) e (b):



"Em (a) o tiro acertou 'o que' deveria acertar. O objeto. Em (b) o tiro acertou 'onde' deveria acertar. O lugar."

"acertar: atingir no lugar exato."

acertar em: atingir em qualquer lugar do alvo (não necessariamente no desejado)."

Como já se afirmou acima, tais interpretações são invertidas para o restante das pessoas consultadas, como se pode comprovar abaixo:

"Acertar o alvo = sem maior exatidão."

Acertar no alvo = acertou mais, bem no meio do alvo. Aqui parece que o locativo é mais forte."

"'Acertar o alvo' parece 'atingir o alvo'.

'Acertar no alvo' significa 'alcançar o ponto exato'."

"Em (a) há o sentido de 'atingir'; em (b) o tiro foi preciso, acertou 'na mosca'."

Portanto, não há uniformidade na distribuição desses julgamentos, embora a maioria concorde em que há a cepções diferentes para (3) (a) e (b). Por isso, numa etapa posterior, resolvi testar mais algumas frases avulsas (4), (5) e (6) em que "acertar" aparece acompanhado de outros argumentos. Nesses casos houve um direcionamento mais evidente com referência à interpretação das sentenças, no sentido de se favorecerem julgamentos próximos aos do grupo dos 29 entrevistados de (3). Eis as frases em questão:

(4) (a) O policial acertou a perna da mulher.

(b) O policial acertou na perna da mulher.

Quase todos os consultados apontaram o traço [+ intencional] para (4) (a) e [+ casual] para (4) (b), além de assinalarem maior exatidão/precisão em (a). Foi sugerido, ainda, o fato de que, em (a), supõe-se que a mulher "caiu ferida", sendo que, em (b), isso pode não ter ocorrido.

Por fim, houve ainda algumas pessoas que estabeleceram um contraste entre todo X parte para (4) (a) e (b) respectivamente. Para essas pessoas, em (4) (a) entende-se que "a perna toda, como um todo foi atingida"; já com referência a (4) (b), supõe-se que "o policial acertou em alguma parte da perna da mulher."

(5) (a) A pedra acertou a perna da mulher.

(b) A pedra acertou na perna da mulher.

Quanto a essas orações, por terem sujeito marcado como [-humano], não se cogitou do traço intencionalidade; contudo foi mencionada a característica "maior precisão" para (5) (a), sendo que muitos assim se manifestaram com relação a (5) (b): "a pedra pode ter atingido qualquer parte da perna da mulher, sem necessariamente tê-la machucado."

Mais um exemplo avulso, apresentado para averiguar as diferenças de interpretação das estruturas contendo o verbo em tela, é o seguinte:

(6) (a) Joãozinho acertou o gol.

(b) Joãozinho acertou no gol.

No que concerne a essas estruturas, a maioria dos informantes deixou claro que, em (b), salienta-se o lugar, "gol", delimitado pelas traves e rede, tanto que se pode fazer a seguinte pergunta:

(6') (b) Onde Joãozinho acertou?

Joãozinho acertou no gol.

Já com relação a (6) (a) pode-se interrogar:

(6') (a) O que Joãozinho acertou?

Joãozinho acertou o gol.

Demonstra-se, pois, que "o gol", aqui, pode ser tomado como "jogada/lance" ou "objetivo/meta" a ser alcançado/a no jogo.

Para muitas pessoas consultadas, (6) (a) traz também a idéia de manejo, destreza, habilidade ou controle por parte do sujeito/agente.

É digno de nota, ainda, o fato de que certos informantes se envolveram de tal maneira com as questões postas que passaram, eles mesmos, a sugerir outras frases que confirmassem suas intuições. Assim, um dos entrevistados apresentou as sentenças que seguem, com o intuito de destacar sua interpretação de "maior domínio" por parte do agente e uma relação "mais completa, direta e imediata" entre o verbo e o complemento, quando esse ocorre sem preposição:

- (7) (a) *Ele acertou as questões da prova.*
 (b) **Ele acertou nas questões da prova.*

Como se vê, para esse falante, quando o verbo "acertar" não apresenta também a acepção de "alcançar", "atingir" (comportando, pois, a idéia de um locativo que pode ser introduzido por em), mas somente a de "ser bem sucedido", rejeita a preposição introduzindo seu objeto.

Ainda, para esse mesmo falante, das orações de (8), abaixo, em que se supõe o traço [+ volitivo] para o sujeito, somente (a), sem a preposição, é bem formada. (b) parece-lhe estranha devido à contradição que se estabelece entre a idéia de intencionalidade (reforçada pela locução adverbial) e as de casualidade e menor precisão que podem ser sugeridas pela preposição neste contexto:

- (8) (a) *Ela mirou bem e acertou a perna dela de propósito.*
 (b) *??Ele mirou bem e acertou na perna dela de propósito.*

Dando continuidade à apresentação das orações que integram os testes, examinem-se as seguintes estruturas:

- (9) (a) Os dados apontam a direção do caminho a seguir.
 (b) Os dados apontam na direção do caminho a seguir.

A análise das orações acima demonstrou unanimidade quanto às diferenças de interpretação. Embora, obviamente, as maneiras de se expressar fossem diversas, todos os informantes registraram que, em (a), parece haver, por parte do falante, maior certeza quanto à relação dados/caminho a seguir. É como se o falante avaliase que, na primeira dessas orações, há uma única direção correta possível, apontada pelos dados. Sugere-

se algo parecido com uma relação de causa/efeito.

Por outro lado, em (b), segundo os entrevistados, interpreta-se que os dados apontam uma das possibilidades de direção a seguir, havendo a probabilidade de um dos caminhos visualizados através dos dados ser o adequado, mas não há certeza absoluta quanto a esse fato. De certo modo, em (b), o falante exime-se de responsabilidade ao fazer sua afirmação.

Comprovem-se esses fatos, por exemplo, com as seguintes citações:

"Em (a) a relação entre 'apontar' e 'direção(...)' é mais direta."

"Em (a) os dados apontam com exatidão; em (b) apontam mais vagamente."

"Na primeira frase a direção apontada é única e certa; em (b) a direção não foi propriamente apontada, mas, sim, sugerida. Houve algum 'detalhe', 'indício' que conduziu à direção."

"Em (a), os dados apontam uma direção específica; em (b), apontam numa direção qualquer, não determinada."

Os próximos dados submetidos à análise dos entrevistados vêm registrados em (10), abaixo:

- (10) (a) Pedro acabou o noivado na semana passada.
 (b) Pedro acabou com o noivado na semana passada.

Para 80% das pessoas consultadas, as frases acima apresentam aceções diferentes, sendo a interpretação unânime entre esses usuários a de que, em (a), o sujeito está mais diretamente envolvido no acontecimento expresso: em primeiro lugar, trata-se do noivado do pró-

prio Pedro; em segunda instância, supõe-se que esse agente teria tomado uma atitude mais direta, imediata, no sentido de pôr fim ao seu compromisso.

Com relação a (b), no entanto, o sujeito estaria envolvido mais indiretamente nos acontecimentos. Segundo os informantes em foco, pode ser que Pedro tenha sido o agente do término do noivado de outrem, não necessariamente do seu próprio. Além disso, mesmo que se referisse ao noivado do próprio Pedro (o que não é tão claro neste caso como em (a)), pode-se imaginar a interferência de meios indiretos que acarretariam o fim do compromisso. Não há, necessariamente, uma ação direta, imediata, do sujeito nesse sentido.

É interessante registrar também que, entre os comentários investigados, houve alguns que estabeleceram, ainda, uma distinção entre um compromisso determinado, particular, em (a), e a instituição - "noivado"- em (b). Verifiquem-se, pois, as observações que seguem:

"No plano semântico, a frase (a) emite-nos a idéia de que o sujeito exerce a função de acabar o seu próprio noivado. A frase (b) já nos emite a idéia de que o sujeito exerce a função de acabar, eliminar, uma das instituições vigentes: o noivado."

"Em (a) sugere-se que o sujeito deu fim a seu noivado - é algo irre recuperável. Em (b) ele estragou o noivado, mas não dá a idéia de ser algo irre recuperável. Por exemplo: posso dizer - 'eu acabei' com o meu cabelo' (mas depois darei um jeito nele, recuperá-lo-ei)."

"Em (a) Pedro rompeu o próprio noivado. Em (b) estragou o noivado de outras pessoas."

"Na primeira frase, Pedro simplesmente pôde ter terminado o noivado por decisão própria. Já na segunda frase parece que é algo que ele fez que provocou o término do noivado."

"Em (a) Pedro necessariamente terminou o seu próprio noivado. Em (b) ele pode ter acabado com o seu noivado ou com o de outra pessoa. Parece que ele teve uma atitude inadequada que estragou o noivado."

"Em (a) pode-se entender que Pedro falou com a noiva que eles haviam terminado: não iriam casar mais, por exemplo. Em (b) parece que ele fez uma bobagem e arruinou com o noivado - a relação entre os noivos ficou abalada com o fato."

"Em (a) Pedro terminou com o relacionamento. Em (b) parece que atrapalhou a festa - por exemplo: bebeu demais, brigou, etc."

"Em (a) é o noivado do próprio Pedro. Em (b) é o de outra pessoa, não o dele."

Um outro exemplo apreciado pelos informantes é o seguinte:

- (11) (a) Atirei os livros no chão.
(b) Atirei com os livros no chão.

Antes de procedermos ao exame dos dados sob a ótica dos entrevistados, deve-se registrar que Nascentes assim se expressa quanto à regência deste verbo:

"Atirar - V. Trans. Dir. : Atirei um limão doce ... (Do folclore). Aparece com um posvérbio que lhe traz carga afetiva (brusquidão): Atiramos com ela no chão (Do folclore, na cantiga da Senhora Madeira) ." (Op. cit., p.49)

É digno de nota, porém, que, para alguns usuários da língua, a construção (11)(b), com o posvérbio, não parece muito natural. Embora constituindo minoria (8 pessoas apenas), esses informantes ou julgaram-na "inaceitável" ou consideraram-na artificial, "*coisa de portugueses*", como se manifestou um deles.

Quanto às demais pessoas, que aceitaram bem ambas as frases, todas captaram acepções diversas entre a primeira e segunda. Para a maioria absoluta (29 usuários), a preposição, no contexto de (b), acrescenta a idéia de companhia ao complemento, sendo que algumas ainda realçaram também a possibilidade da interpretação de instrumento. Já com relação a (10)(a), a "leitura" unânime para o objeto foi a de paciente. Observem-se, a esse respeito, os seguintes comentários:

"Em (a) os livros são atirados no chão - é o paciente. Em (b) os livros e a pessoa são atirados no chão."

*"(A) - atirei (joguei) apenas os livros no chão.
(B) - Eu com os livros atiramos (cair) ao chão."*

"Em (b) a idéia é de que cai com os livros no chão."

"O verbo 'atirar', sem preposição, significa que 'os livros foram apenas jogados no chão'. Já o verbo 'atirar' com preposição significa que 'os livros' foram o instrumento que você utilizou para desenvolver a ação."

"Em (b) suuere-se o ato de atirar-se junto com os livros no chão."

"Em (a), a idéia é apenas dos livros atirados no chão, enquanto, em (b), 'com' dá a idéia de companhia, da pessoa (eu) se atirar ao chão junto com os livros."

Logo, mesmo que o verbo em (b) não se tenha apresentado como pronominal - "atirei-me com os livros no chão" -, a "leitura" de companhia/instrumento foi a mais freqüente para a frase (b), suplantando a idéia de "brusquidão", sugerida por Nascentes. Essa também esteve presente em alguns questionários, mas em número bem inferior (10 testes apenas).

Deve-se salientar, ainda, que além da interpretação de "brusquidão", algumas pessoas insistiram também na interpretação de "violência"/"raiva", ato mais "voluntário"/"intencional", para (b), em oposição a (a).

Houve, também, informantes que se manifestaram quanto ao fato de, em (10) (b), a atenção deter-se, centrar-se mais no verbo que nos participantes, ao contrário de (a). Comentários deste tipo, como será desenvolvido mais à frente, são importantes, na medida em que confirmam a hipótese de uma intransitivização das estruturas portando posvérbio. Na próxima seção teremos oportunidade de esclarecer melhor essa hipótese. Por enquanto, comprovem-se essas observações com as citações abaixo:

"Em (a), o verbo sem preposição tem complemento paciente - 'os livros'. Em (b) a preposição enfatiza o verbo."

"Em (b) atirei os livros no chão intencionalmente"

"Em (b) há uma maior força da intenção de jogar os livros no chão."

"Na frase b, a presença da preposição 'com' passamos a idéia de que os livros foram atirados ao 'chão com mais força."

"Na frase (a), somente os livros foram atirados. Na frase (b), a preposição enfatiza mais o sentido - eu 'atirei' - ou traduz a violência com que a ação foi feita."

"Em (a), joguei os livros, que estavam em algum 'lugar, no chão. Pode não ser de propósito. Em (b), atirei de propósito, para estragá-los, ou para 'servir de arma, ou num momento de raiva."

Por fim, deve-se registrar que ainda houve informantes que imaginaram, para (b), a presença dos livros no chão no momento em que se deu a ação de atirar (no sentido de "dar tiro" em alguma coisa). Essa interpretação, porém, não foi favorecida, na medida em que apenas 5 entrevistados a destacaram.

Os dados que seguem abaixo, em (12), também integraram os testes referidos neste ensaio:

- (12) (a) Você não cumpriu a promessa que me fez.
 (b) Você não cumpriu com a promessa que me fez.

Com referência a estas frases, apurou-se que, embora ambas fossem unanimemente consideradas naturais nos questionários analisados, 40% das pessoas consultadas avaliaram que elas não suscitam diversidade de interpretação. Esse índice é bem elevado em relação ao que até aqui se observou.

Porém continua, ainda, prevalecendo o padrão geral, segundo o qual o posvérbio acarreta algum tipo de alteração no significado das orações em que ocorre.

Nesse sentido, pode-se verificar que uma "leitura" freqüente para (12) (b), em contraste com (12) (a), acrescenta àquela sentença uma idéia de "cobrança".

associada à presença da preposição, o que não se dá neste último caso. Além disso, para muitos informantes em(a), a atenção se desloca para o objeto - "a promessa" -, enquanto, em (b), o foco de interesse se torna o próprio verbo.

Comprove-se com os seguintes comentários:

"Na primeira frase, sem preposição, há apenas a 'constatação' do fato. Na segunda, há 'constatação + cobrança'. Na primeira frase, parece que a ênfase recai sobre a promessa, ao passo que, na segunda, o descumprimento tem mais peso."

"Em (a) a promessa parece ter sido mais forte."

"A - a promessa ainda não foi cumprida, mas, pode vir a ser. É um comentário.

B - tem o sentido de cobrança, de reclamação, quer dizer que a promessa foi feita, mas não foi cumprida e nem será."

"Em (b) há um sentido de 'falta', de 'cobrança'."

Atente-se, a seguir, para mais um par dos exemplos submetidos ao julgamento dos entrevistados:

(13) (a) Esperei o advogado em vão.

(b) Esperei pelo advogado em vão.

Também com referência às estruturas de (13), acima, as diferenças semânticas entre as duas orações parecem menos evidentes do que nos outros casos até agora discutidos, uma vez que 45% dos entrevistados atribuíram uma mesma interpretação para (a) e (b).

Contudo a maioria (55%) não somente considerou possível ambas as sentenças como também assinalou diversidade de sentido para cada caso. Dentre esses 55%, a interpretação mais freqüente atribui a sugestão de mais certeza quanto à vinda do advogado ou mais empe-

nho na espera, por parte do sujeito, em (b), com a pre posição, do que em (a).

Já com relação ao complemento, muitos desses falantes apresentaram a possibilidade de se entender que na primeira dessas sentenças, "o advogado" não tinha conhecimento de que era esperado, enquanto na segunda ele sabia dessa espera.

Chamou-se atenção, ainda, para o fato de que, na oração (a) sugere-se que "esperei a pessoa", enquanto, na (b), a "chegada do advogado" é que foi esperada. Logo a pessoa como tal deixa de ser alvo de interesse nessa última frase.

Convém ressaltar, por fim, que, em vários testes, foi estabelecida uma correlação entre "espera mais prolongada"/"verbo acompanhado de preposição" e "espera mais curta"/"verbo sem preposição".

Desde já gostaria de antecipar, em parte, um dos postulados a ser desenvolvido mais adiante, referente a um aspecto do princípio da iconicidade, segundo o qual "a um maior 'volume' da forma corresponderia uma intensificação do conteúdo expresso." (Cf. Lakoff e Johnson, 1980, p.127). Os dados em foco, aqui, parecem servir de evidência empírica a esse postulado. Verificou-se, pois, os seguintes fatos:

"Na frase (a) a idéia de espera é mais curta do que na frase (b)."

"Esperar = aguardar durante algum tempo.

Esperar por = aguardar durante um tempo maior."

"Em (b) sugere-se uma idéia de maior intimidade, uma idéia de companhia."

"Na frase (a) parece que o sujeito não tinha certeza da vinda do advogado. Na frase (b) parece que o sujeito (eu) tinha certeza dessa vinda."

"Em (a) esperei na esperança de que ele viria, mas não tinha certeza. Em (b) tinha certeza de que o advogado viria, como se fosse combinado."

"Em (a) esperei com dúvida se ele viria. Em (b) tinha certeza de que o advogado viria e ele não veio."

"Na segunda frase o advogado foi mais esperado, era mais importante a sua vinda do que em (a)."

"Na oração (a), o advogado não sabia do encontro. Na (b), o advogado sabia do encontro."

Consideram-se, ainda, as estruturas arroladas em (14):

(14) (a) Chamei Maria inutilmente.

(b) Chamei por Maria inutilmente.

Como se sabe, segundo Nascentes, o verbo chamar, como transitivo direto, tem "o sentido de gritar para fazer aproximar ou mandar vir(...). Invocando auxílio, proteção, aparece com um posvérbio: chamar por Deus e pelos anjos (Aulete)." (Cf.op. cit.,p.57).

De fato, essas interpretações foram confirmadas por quase todas as pessoas entrevistadas, apesar de 7 delas não terem percebido mudança de acepção entre (a) e (b). Entretanto houve, ainda, o realce de certos aspectos da significação desse verbo, nos contextos acima, não cogitados por Nascentes.

Assim a maioria dos entrevistados apontou que, na primeira dessas sentenças, há a sugestão de que o objeto, "Maria", acha-se fisicamente próximo do sujeito no momento em que este a chama, de tal modo que ela é capaz de ouvi-lo. É, pois, diretamente afetada/envolvida pela ação. Além disso, pode-se, também, entender que o sujeito tem conhecimento do lugar onde "Maria" se encontra.

Já com relação a (b), os fatos sugeridos são diferentes: não só foi mencionada a interpretação de que "o objeto" se acha distante do agente, no momento em que este executa a ação, como também foi apontada a possibilidade de "Maria" nem ser atingida por esta ação, uma vez que não se supõe que ela, necessariamente, tenha ouvido o apelo.

Para muitos informantes, ainda, em (b) a atenção se detém mais no apelo, no verbo em si, que propriamente nos participantes considerados.

Confirmem-se, a seguir, essas interpretações:

"Na primeira frase, Maria parece ser chamada mais diretamente."

"Na letra (a) o agente da ação sabia onde estava Maria, mas na letra (b) ele nem sequer sabia onde ela estava."

"Há diferença. Na letra (a), parece que 'Maria' estava sendo vista pelo sujeito e, na letra (b), é como se ela estivesse distante, não podendo ser vista pelo sujeito da frase."

"Em (a), Maria foi chamada, estava perto, escutou mas não quis ir; em (b), ela foi chamada mas nem sequer ouviu o apelo."

"Na letra (a), o sentido é que Maria está por perto. Na letra (b), a preposição parece indicar que o objeto está distante, longe do 'alcance visível'."

"Na primeira frase há a idéia de que Maria está mais próxima de quem chamou, sendo vista pelo 'chamador'. A preposição dá impressão de que ela não está sendo vista pelo 'chamador'."

"Em (b) parece haver mais ênfase na ação de 'chamar'."

"A segunda frase parece demonstrar maior insistência no apelo."

Ainda merece atenção o seguinte par de sentenças:

(15) (a) Eu sou mais velho que você e sei todas essas malandragens daqui.

(b) Eu sou mais velho que você e sei de todas essas malandragens daqui.

Com referência a dados semelhantes aos de (15), Nascentes (op.cit., p.186) afirma que o posvérbio de confere ao verbo saber a significação de "ter conhecimento, notícia, informação."

Também nesse caso os testes analisados confirmam as expectativas do autor em questão. Verifica-se, nestes testes, a insistência numa oposição entre um conhecimento adquirido de modo mais indireto, "por ouvir falar sobre as malandragens", no caso (b), e um saber adquirido diretamente, por experiência própria, no caso (a).

Além disso, muitos entrevistados apontaram a interpretação de um controle, domínio maior, mais total, por parte do sujeito da oração, na frase sem o posvérbio. Por outro lado, quanto à oração com a preposição, foi mencionada a possibilidade de se entender que o falante procura "atenuar" a afirmação apresentada, procura comprometer-se menos, na medida em que deixa de ser tão categórico como em (a).

A título de exemplificação, observem-se esses comentários:

"Na sentença (a), parece que 'sei' por experiência. Já na (b), sei a respeito das malandragens. Já ouvi falar delas."

"Em (a) - 'sei', no sentido de ter aprendido as malandragens, poder reproduzi-las, se preciso for. Em (b) - estou sabendo dessas estórias, sei sobre elas."

"Ele sabe todas as malandragens = tem delas um conhecimento mais objetivo, total.

Saber de = ouviu falar das malandragens."

"Em (a) o falante assume o fato de que conhece as malandragens todas, nenhuma lhe escapa. Em (b) há a idéia de partitivo - ele afirma conhecer as malandragens, mas deixa margem para entender que algumas delas possam lhe escapar."

Por fim, ainda foram submetidas a exame duas outras orações com o verbo saber em contextos como os de (15):

(16) (a) Eu sei a verdade sobre esse fato.

(b) Eu sei da verdade sobre esse fato.

As opiniões sobre as diferenças de sentido seguiram direções semelhantes às dos dados anteriores. Comprovem-se:

"Na primeira oração, eu sei a única verdade, toda a verdade. Na segunda, sei alguma coisa, algum detalhe da verdade."

"Em (a), diferentemente de (b), há a idéia de 'inteireza' da verdade, certeza quanto a essa verdade total."

"Sem a preposição - a idéia é de sei a verdade por uma experiência direta. Com a preposição -

eu sei a respeito da verdade, mas é como se eu não a conhecesse de fato. Só tenho notícias dela..."

"Em (a) - eu sei o que aconteceu, eu tenho acesso direto à verdade, eu 'construí' essa verdade, cheguei a essa verdade. Em (b) - eu tenho conhecimento sobre a verdade, sobre o que aconteceu - uma verdade que me chegou através de alguém."

"O saber de me parece mais partitivo, envolvendo um conhecimento não-total."

"'Saber a verdade' é saber toda a verdade.
'Saber da verdade' é saber alguma coisa."

"Em (a) o sujeito parece saber mais."

"Na primeira oração, sei uma verdade constatada por mim mesma. Na segunda, sei uma verdade que me foi contada."

"A pessoa da frase (a) se mostra mais consciente da 'verdadeira' verdade e a da frase (b) parece a penas saber de uma verdade imposta."

"a) saber: ter conhecimento total da verdade.
b) saber de: ter noção, idéia da verdade."

"Em (a), sei toda a verdade. Em (b), partes da verdade."

Feita uma síntese da avaliação dos informantes sobre as frases apresentadas no teste mencionado, a seguir, na próxima seção, vou procurar investigar os princípios gerais subjacentes a essas diferentes interpretações das estruturas focalizadas nesta parte.